

O GESTO DO PROFESSOR ENSINA

Terezinha Azerêdo Rios¹

1. Professor Titular da disciplina Sociedade, Estado e Educação no Instituto de Artes da UNESP. Presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Estadual de Educação. Doutor em Educação (Currículo e Supervisão) pela PUC/SP ; Pós-Doutor em Política Educacional pela FE/USP.

Cena 1:

Paro no sinal de trânsito. Quase automaticamente, olho em volta, levanto rapidamente a janela do carro, verifico se estão travadas as portas. Qualquer indivíduo que se aproxime provoca uma aceleração no meu coração. Pior ainda se for um garoto enrolado num cobertor, que oculta suas mãos e o possível caco de vidro ou estilete, que alguns dias atrás me foi colocado próximo da cabeça com a ameaça: 'O dinheiro, ou eu te furolí. Nenhum garoto se aproxima. O sinal abre e eu ã sã e salva! ã posso seguir adiante. A sensação de alívio é breve, porque daqui a pouco paro em outro sinal, onde, quem sabe, me espera um outro garoto, com outro caco de vidro, buscando dinheiro.

Cena 2:

Ligo a televisão para ver o noticiário. Mas não é o noticiário que está na tela. Estamos no horário da propaganda eleitoral. Não adianta nem mudar de canal ã em todos, sucedem-se as imagens e discursos dos candidatos, esforçando-se para me convencer de que se eu não der meu voto a eles, estou emperrando a marcha do Brasil para o destino glorioso que o espera, para a superação dos problemas como o desemprego, a fome, os meninos de rua. A palavra 'ética' aparece em todos os discursos, como no refrão de uma canção.

Cena 3:

Um texto sobre Ética e Vida Social, que escrevi como parte do conteúdo do Proformação – Programa de Formação de Professores em Exercício, é submetido à apreciação de um grupo de professoras leigas a quem o Programa se destina. As professoras trabalham em escolas rurais da região centro-oeste do Brasil e tiveram oportunidade de completar apenas o 1º grau. Nunca tiveram contato com a filosofia, muito menos com a ética como está tematizada no texto. Elas mostram interesse na leitura. Uma delas escreve em sua folha de papel: Quero saber mais sobre a necessidade da presença da ética na sociedade. É muito importante construir a cidadania com base no respeito, na justiça, na solidariedade (...) Não estamos na sala de aula só para ensinarmos os conteúdos, mas para sermos exemplos para os alunos.

Relatei² essas cenas na abertura de um texto escrito há quase dez anos (Rios, 1999). Mas julgo que elas têm atualidade e a elas poderiam se somar muitas outras de natureza semelhante. Cenas do cotidiano brasileiro que retratam aspectos significativos ou problemáticos de nossa sociedade, de nossa cultura, e apontam para a necessidade de refletir e agir no sentido de superar os problemas e ampliar o conhecimento e a possibilidade de intervenção criativa no nosso entorno. Cenas-provocações para uma discussão sobre os valores que estão presentes em nossas ações e relações e sobre o papel da escola e dos educadores na construção e reconstrução desses valores. E até para se pensar se há um momento específico na escola ou no currículo para a discussão sobre os valores, e que momento é esse.

2. Retomo, aqui, grande parte das idéias exploradas naquele texto.

EDUCAR-SE: NASCER JUNTO

A educação é um processo de socialização e criação de saberes, crenças, valores, com a finalidade de ir construindo e reconstruindo as sociedades, os indivíduos e grupos que a constituem. É um movimento longo e complexo, no sentido de as pessoas nele envolvidas irem renascendo, a cada momento, junto com os outros. O educador francês Bernard Charlot nos diz que nascer é penetrar na condição humana. Entrar em uma história, a história singular de um sujeito inscrita na história maior da espécie humana. Entrar em um conjunto de relações e interações com outros homens. Entrar em um mundo onde ocupa um lugar (inclusive, social) e onde será necessário exercer uma atividade. Por isso mesmo, nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender. Aprendendo para construir-se, em um triplo processo de “hominização” (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela). Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado. (Charlot, 2000:53)

É a instituição escolar que se atribui a tarefa de, sistemática e intencionalmente, organizar a proposta da educação que vá ao encontro das necessidades concretas das diferentes sociedades. De ensinar, para dar consistência àquela proposta. Os professores são, então, aqueles que têm o ofício de ensinar, ofício no qual vão sempre aprendendo, “na ensinação”, como diria Guimarães Rosa.

CONHECIMENTO E VALOR

Não há conhecimento desprovido de valor. Portanto, ensinar Português, Matemática, Ciências, Geografia, História, Artes... é revelar determinados valores que se abrigam na organização epistemológica e metodológica de cada área do saber. Mas há valores que se encontram sistematizados numa outra perspectiva, que chamamos axiológica, e que dizem respeito às atitudes que se dizem desejáveis ou indesejáveis no relacionamento das pessoas. São os valores morais. É a eles que se faz referência quando se fala em “educação em valores”. Será que se está falando, então, em educação moral?

A moralidade é uma das dimensões do comportamento humano em sociedade. Fazendo parte de um contexto social, o indivíduo tem seu comportamento orientado por determinados princípios, regras, valores. Nas diversas instâncias da sociedade, ele desempenha seus papéis tendo como referência essa orientação, mais ou menos explícita conforme a natureza da instituição. A formação moral se dá, portanto, no processo de socialização, no qual se constitui a identidade dos indivíduos.

Nesse processo de desenvolvimento, articulam-se estreitamente uma dimensão intelectual e uma dimensão afetiva. A responsabilidade, que é o núcleo do comportamento moral, uma vez que o indivíduo responde às imposições do contexto, pressupõe, de um lado, a liberdade, enquanto possibilidade de escolher, e de outro, o empenho da vontade na definição da escolha. O comportamento moral não se dá na obediência pura e simples às regras, mas exatamente na legitimação dessas regras pelo indivíduo, na possibilidade de passar de uma situação de heteronomia, isto é, de submissão às regras apresentadas pela sociedade, à autonomia, no sentido de possibilidade de pautar sua conduta por regras e valores que assume como significativos, a partir de sua própria vivência, de questionar as

regras instituídas e mesmo de definir novas regras.

É aqui que fazemos o trânsito para a ética. Se a formação moral consiste num processo de passar da heteronomia à autonomia, e se a autonomia é conquistada a partir de um exercício de reflexão, é preciso, então, o recurso à ética para que se realize aquela conquista.

MORALIDADE E ÉTICA

Os conceitos de ética e moral têm sido usados indistintamente. Vale fazer a distinção, apontando a moral como o conjunto de princípios, valores, regras que orientam a conduta dos indivíduos em sociedade e a ética como a reflexão crítica sobre a moral, que indaga sobre a consistência e a coerência daqueles valores, definindo/explicitando seus fundamentos.

Penso que a expressão educação moral constitui, de certa forma, um pleonasmo. Não há educação que não tenha uma dimensão moral. Se a moral diz respeito a princípios, crenças, regras que norteiam as ações dos indivíduos e dos grupos na sociedade, o processo educativo, que se caracteriza como a socialização e reconstrução contínua da cultura, está profundamente marcado por esses valores, em qualquer instância em que se realize. Portanto, ainda que não tenhamos consciência disso, ao ensinar, estamos revelando os valores que sustentam nossa prática de educadores, enquanto membros de uma comunidade específica.

Assim, todo professor é, de algum modo, professor de moral imbuído de uma postura ética. Essa afirmação quer trazer a referência a uma característica fundamental do processo educativo, que é a de transmitir – questionando, construindo, desconstruindo, reconstruindo – valores, no ensinamento que se faz cotidianamente. Ensinando Português, Matemática, Geografia, História, Artes etc, o professor está trazendo, revelando e discutindo valores que sustentam sua prática e a da sociedade em que vive.

Não há possibilidade de se ensinarem valores como se existissem por si mesmos, desconectados do contexto em que se dão as relações entre os indivíduos, em que se organiza o trabalho e em que se cria, recria e desenvolve o conhecimento.

Como se transmitem os valores morais ou cidadãos sem recorrer a informações históricas, sem dar conta das leis vigentes e do sistema de governo estabelecido, sem falar de outras culturas e países, sem fazer reflexões tão elementares como se queiram sobre a psicologia e a fisiologia humanas ou sem empregar algumas noções de informação filosófica? E como pode instruir-se alguém em conhecimentos científicos sem inculcar-lhe respeito por valores tão humanos com a verdade, a exatidão, a curiosidade? Pode alguém aprender as técnicas ou as artes sem formar-se ao mesmo tempo no que a convivência social supõe e no que os homens desejam ou temem? (Savater, 1997:49)

Isso, entretanto, nem sempre está claro para os professores e também não há uma intencionalidade e muito menos uma organização formal para esse processo de socialização e questionamento de valores. Com muita frequência, em função dessa inconsciência, o que se encontrou em nossas escolas foi uma educação moralista, entendida como uma forma de imposição de princípios e regras aos educandos.

ÉTICA NA ESCOLA

Nos PCN, o que se pretendeu foi romper com esse tipo de educação. A ética aí não se constitui como uma disciplina e sim como um dos chamados temas transversais, que deveria ser explorado no trabalho em todas as áreas. Desde o início da apresentação da proposta, os professores passam a manifestar uma preocupação com a transversalidade: “Como ensinar frações e respeito mútuo?”, perguntam eles. “Como juntar no meu programa regras gramaticais e justiça? Ou penínsulas e solidariedade?”.

Na verdade, é necessário, antes de mais nada, retomar o significado que tem a transversalidade. Como se apresenta na proposta, a problemática dos temas transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento, o que – é importante assinalar – é diferente de se afirmar que passa ao largo deles. Assim, se os temas transversais não se acrescentam às áreas temáticas como novas disciplinas, das quais se encarregariam professores especialistas, a abordagem desses temas é atribuição de todos os professores. E não se pode dizer que isso acontece não importa a disciplina que o professor ensina. A disciplina que o professor ensina sempre importa, quando se trabalha com as questões abordadas nos temas transversais, e vice-versa. A especificidade da disciplina, na verdade, aponta muitas vezes para uma abordagem diferenciada das questões sociais.

Na transversalidade, temos uma travessia e um encadeamento. Propõe-se que o trabalho realizado pelas disciplinas não se faça de maneira isolada, mas na articulação permanente entre todas elas. É nessa medida que se aponta a necessidade de elaboração e concretização coletiva do projeto pedagógico. Não adiantam as boas intenções de um ou outro professor, acidentalmente. Se toda a escola não estiver engajada na proposta, os resultados deixarão a desejar. Requer-se, portanto, uma mudança qualitativa no trabalho da escola.

Afirma-se, reiteradamente, que o objetivo da escola é a formação da cidadania. Os professores realizam essa formação ensinando que dois mais dois são quatro, que o calor dilata os corpos, que há palavras polissílabas, que arquipélago é um conjunto de ilhas, que há várias formas de criação artística. E, ao mesmo tempo, que é importante conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizar a pluralidade do patrimônio cultural brasileiro, perceber e respeitar diferentes pontos de vista, buscar a justiça nas relações sociais. No que diz respeito a esses últimos ensinamentos, na verdade, mais que ensinar que..., é importante ensinar a... (Carvalho, 1979). É nessa medida que as questões relacionadas à ética devem ser objeto de consideração e abordagem dos professores de todas as disciplinas. Dessa maneira, se cria a possibilidade de articularem as dimensões conceituais, comportamentais e atitudinais dos conteúdos com os quais se trabalha.

O que importa é que os alunos possam construir significados e atribuir sentido àquilo que aprendem. Somente na medida em que se produz este processo de construção de significados e de atribuição de sentido se consegue que a aprendizagem de conteúdos específicos cumpra a função que lhe é determinada e que justifica a sua importância: contribuir para o crescimento pessoal dos alunos, favorecendo e promovendo o seu desenvolvimento e socialização. (Coll, 1998: 14) Isso não significa que o professor deva ser especialista em todos os temas transversais, mas, também não significa que basta trabalhar espontaneamente com os valores ou aproveitar momentos pontuais para trazer a dis-

cussão à classe. Não se trata de impor e sim de afirmar valores. Frequentemente o gesto do professor ensina mais do que o seu discurso. Os fins da educação mais corretamente elaborados e mais bem estabelecidos pouco servirão se os educadores não os converterem em atitudes pessoais que terão de manifestar durante todo o processo de relação com os educandos, afirma Puig (1998: 185). O trabalho com os temas transversais exigirá, sem dúvida, uma organização que não será apenas do próprio professor e sim do conjunto da escola.

Não cabe apenas à escola a responsabilidade de construir um mundo novo. Contudo, se ela realizar de modo competente a parte que lhe cabe, sem dúvida sua interferência irá ao encontro da necessidade de construção desse mundo desejado.

O efeito mais notável da boa educação é despertar o apetite por mais educação, por novas aprendizagens e ensinamentos, afirma Savater (1997:184). Concordo com ele. Na medida em que a ética entra na escola para colaborar no sentido de se construir uma boa educação, que estimula a mobilização por uma vida melhor e por um saber mais alargado, que ela seja bem acolhida e se instale em cada espaço de nosso trabalho de educadores.

REFERÊNCIAS



BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, José Sérgio F. As noções de erro e fracasso no contexto escolar: algumas considerações. In AQUINO, Júlio G (org.). *Erro e fracasso na escola*. São Paulo: Summus, 1997.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber* ã elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COLL, C. et alii. *Os conteúdos na reforma*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PUIG, J. M. *Ética e valores: métodos para um ensino transversal*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

RIOS, T.A. *Ética e Competência*. S. Paulo: Cortez, 6a. ed., 1997.

_____. A proposta de educação moral nos Parâmetros Curriculares Nacionais: a ética como tema transversal. In *Anais do III Encontro Nacional de Educação para o Pensar*. São Paulo: Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças, 1999, p. 39/48.

SAVATER, F. *El valor de educar*. Barcelona: Editora Ariel, 1997.

YUS, R. *Temas transversais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.